

CulturESE

BOLETIM DE DIVULGAÇÃO CULTURAL DA ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LISBOA

05 de maio a 19 de maio de 2016. Organização: Conselho Pedagógico da Escola Superior de Lisboa

03

EDITORIAL

04

EVENTOS
NA ESELX

05

EVENTOS NA ÁREA
DE LISBOA

08

SUGESTÃO

09

ENTREVISTA



*Cultur*ESE

COMISSÃO EDITORIAL

Helena Barroso, Cátia Rijo, Ana Isabel Silva e Marta Abreu Silva

“edito- rial”

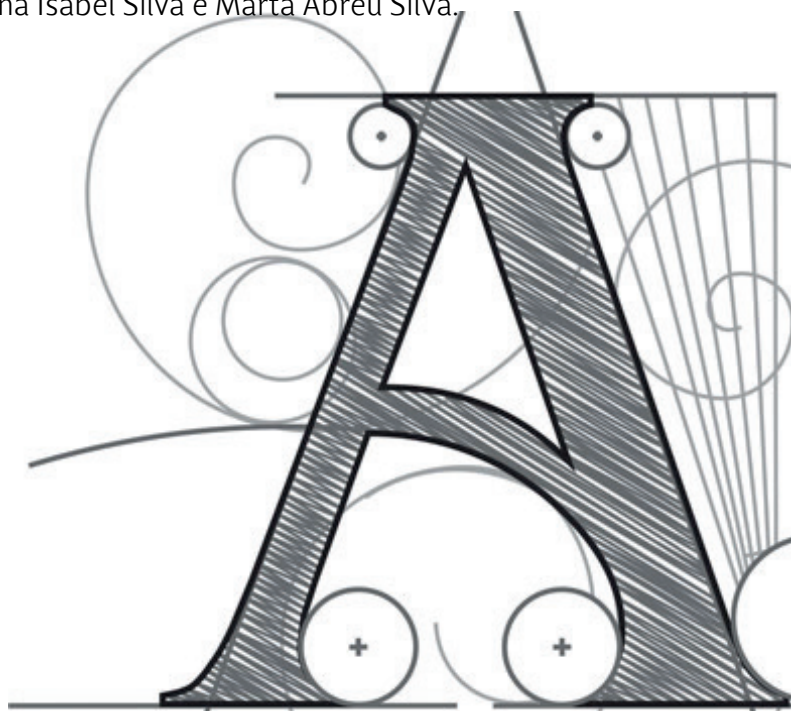
Nesta nova edição do CulturESE, sugerimos, bem entendido, o festival da marioneta e formas animadas, que, um pouco por toda a parte na cidade de Lisboa, revela ao público um número incalculável de espetáculos que dão primazia à forma como intermediário do gesto e pensamentos humanos. Como afirma Didier Plassard, especialista em teatro contemporâneo, “A marioneta tem a capacidade de falar de uma forma extraordinariamente ampla e diversificada. Porque, ao dar características humanas a um objeto, também é capaz de mostrar como os seres humanos podem ser tratados como uma coisa.” De entre todos os eventos propostos nesta edição 2016 do festival, propomos a encenação, *Muito barulho por nada*, uma proposta de David Espinosa que concentra várias peças de Shakespeare num só espetáculo.

Espetacular é também a ópera *3milRios: vozes na floresta*, da autoria de Victor Gama, compositor nascido em Angola, autor de várias óperas multimédia dedicadas às questões e problemas ambientais. Neste trabalho, estará bem presente a floresta amazónica, colombiana e brasileira, os cantos rituais dos seus habitantes, as acústicas e sonoridades tropicais para as quais o compositor criou instrumentos novos, como o acrux e a toha.

Com instrumentos bem antigos, chega-nos pela batuta de Carlo Scimone, o esplêndido *Stabat Mater* de Pergolesi, talvez o melhor *Stabat Mater* de toda a música sacra, com a soprano Anna Dennis e a mezzo-soprano Julie Boulianne. A não perder, dia 19 e 20 de maio, na Fundação Calouste Gulbenkian.

Apresentamos igualmente nesta edição a última entrevista do ano letivo em curso. Mário Palma, do curso de Animação Sociocultural, respondeu às perguntas de Ana Isabel Silva e Marta Abreu Silva.

Boas escolhas, bons espetáculos!



A black and white photograph of a classical building facade. The image shows a balcony with a balustrade of balusters on the upper level. Below it, there is a large arched window with a decorative pediment featuring intricate scrollwork and floral motifs. The architecture is detailed and ornate.

*eventos
na
eseLx*



VISITA

EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E AMBIENTAL | ANFITEATRO

10, 24 de maio e 14 de junho de 2016 | 18h00

“Integrando a Educação Ambiental e a Matemática com o uso de sensores eletrônicos” por Margarida Rodrigues e Maria João Silva, “Educação Matemática” por Margarida Rodrigues, Cristina Loureiro e Lurdes Serrazina e “Educação Ambiental” por Maria João Silva são as três palestras que integram esta formação de curta duração.

ENTRADA LIVRE | INSCRIÇÃO OBRIGATÓRIA | SABER MAIS [AQUI](#)

CINEMA

UMA QUESTÃO DE IMPORTÂNCIA - INTERVENÇÃO NA VINCULAÇÃO | ANFITEATRO

7 de maio de 2016 | 9h30

Oradora: Marina Fuertes.

ENTRADA LIVRE



eventos na área metropolitana de Lx

Teatro

Muito barulho por nada | Teatro Nacional D. Maria II

DE 12 A 15 DE MAIO DE 2016 | QUINTA A SÁBADO – 19H00 | DOMINGO – 16H30

Será possível representar *Hamlet*, *Macbeth*, *Otelo*, *Rei Lear*, *Romeu e Julieta*, *António e Cleópatra*, *A Tempestade*, *Henrique V*, *Ricardo III*, *Como lhe Aprouver* e *Sonho de uma Noite de Verão*, num único espetáculo? David Espinosa tenta fazê-lo numa versão arbitrária, espetacular e artificial das obras completas de William Shakespeare. Uma peça visual delirante que especula sobre as convenções de espetacularidade, através de figuras e objetos, cheia de aventura, romance, luxúria, guerra, tragédia e poder. Um irónico jogo de luzes e sombras com numerosas referências ao cinema, à banda desenhada, às artes plásticas e à própria história do teatro. No final de cada sessão, há oportunidade de conversar com o artista David Espinosa.

CUSTO: 12 EUROS | SABER MAIS [AQUI](#)

Festival

FIMFA – 2016 | Festival internacional de marionetas e formas animadas | Locais vários

DE 5 A 22 DE MAIO DE 2016

Companhias profissionais de vários países, com mérito reconhecido a nível internacional, apresentam as suas criações numa programação inovadora, feita a pensar em vários públicos e idades. Paralelamente aos espetáculos de teatro de marionetas, decorrem colóquios, exposições e *workshops* relacionados com o tema. Nesta edição, são convidados criadores e companhias de vários países: França, Espanha, Israel, Inglaterra, Palestina, Irão, Holanda, Rússia e Portugal, numa programação especial que inclui novos valores e grandes nomes de várias áreas artísticas, com projetos que constituem quase todos estreias nacionais, como O Théâtre La Licorne, Maguy Marin, Yael Rasooly, David Espinosa ou Tim Spooner, entre outros. Os temas abordados vão desde o circo, às convulsões sociais, da guerra aos campos de refugiados, temas fraturantes que marcam a atualidade.

CUSTO: PREÇOS VÁRIOS | SABER MAIS [AQUI](#)

Dança

Romeu e Julieta | Teatro Camões

DE 6 A 15 DE MAIO | HORÁRIOS VÁRIOS

Numa coprodução com o Teatro Nacional D. Maria II, este espetáculo, que é também uma recriação do clássico Shakesperiano, junta os bailarinos da CNB e dois atores, Carla Galvão e Pedro Gil, e ainda o músico Bruno Pernadas que compôs a música original do espetáculo. Nas palavras do coreógrafo, *Romeu e Julieta* não será uma revisitação de um clássico da Dança ou do Teatro. Mesmo tendo como pano de fundo o texto de Shakespeare, a obra será uma viagem sensorial fora da narrativa, mas fiel às duas grandes questões que aborda – a irracionalidade e dependência do ser humano perante o amor (e a paixão) e perante a morte (e a violência). Eros e Thanatos, literalmente de mãos dadas, como os dois jovens amantes. Um exercício multidisciplinar entre a dança, o teatro, a música ao vivo, a arquitetura de cena e um tema, esse, sim, imortal.” Rui Horta

CUSTO: DE 5 A 30 EUROS | SABER MAIS [AQUI](#)

Música

Messa da Verdi | Teatro Nacional de São Carlos

5 E 7 DE MAIO DE 2016 | 20H00

Verdi reverenciava dois vultos maiores da cultura italiana: Rossini e Alessandro Manzoni. Considerava o primeiro o maior compositor italiano de ópera, e a obra do segundo, *I promessi Sposi*, permaneceu à cabeça de Verdi até à sua morte. Quando, em 1868, morre Rossini, Verdi convida 13 compositores italianos a escreverem conjuntamente um Requiem dedicado ao mestre de Pesaro. Por razões várias, a sua representação foi cancelada 9 dias antes da projetada estreia. Todavia, quando em 1873, sabe do desaparecimento de Manzoni, Verdi compõe um Requiem à memória do ilustre poeta e escritor. Para alguém confessadamente agnóstico, *Messa da Requiem* resulta numa criação avassaladora, moderna no seu singular recolhimento e compreensão da vida e da morte, e é a representação musical de um homem reconciliado com a sua espiritualidade. Direção de Gianpaolo Bisanti e Joana Carneiro.

CUSTO: 10 A 40 EUROS | SABER MAIS [AQUI](#)

Stabat Mater de Pergolesi | Fundação Calouste Gulbenkian

19 DE MAIO DE 2016 | 21H00 | 20 DE MAIO | 19H00

Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian entre 1979 e 1986, Claudio Scimone mantém, desde então, uma relação cúmplice com a Fundação Gulbenkian. Além disso, Scimone afirmou-se internacionalmente com a fundação e direção da orquestra de câmara I Solisti Veneti, especializada em música dos períodos barroco e clássico. Foi com esta formação que, em 2000, Scimone publicou a sua celebrada interpretação do Stabat Mater de Pergolesi.

CUSTO: 12 A 22 EUROS | SABER MAIS [AQUI](#)



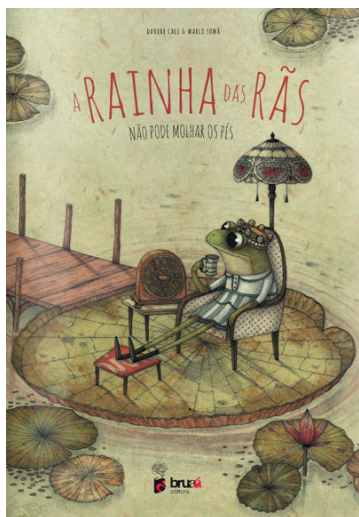
3milRIOS: vozes na floresta | Fundação Calouste Gulbenkian

6 DE MAIO DE 2016 | 21H00

Quarto capítulo de uma série de composições de Victor Gama, iniciada em 2006 com *Rio Cunene*, obra criada para o Kronos Quartet e estreada no Carnegie Hall, *3milRIOS* sucede ainda a *Rio Cubango* e *Vela 6911*, apresentada na Fundação Calouste Gulbenkian em 2013. Pensada para os instrumentos da orquestra e para outros inventados pelo próprio compositor, além da voz, *3milRIOS* é uma ambiciosa ópera multimédia que recorre à fotografia, vídeos, gravações de campo e entrevistas a ativistas culturais e ambientais, refletindo sobre a destruição ambiental nas florestas e águas da Amazônia e nos Andes colombianos.

CUSTO: 18 EUROS (PLATEIA) | SABER MAIS [AQUI](#)

[suges tão]



A partir de agora, a rainha não pode molhar os pés, não se pode cansar a apanhar moscas, deve ter uma folha de nenúfar bem larga só para ela, deve dar ordens às outras rãs e até castigá-las se for necessário. E porquê a partir de agora? Porque, durante um mergulho, uma das rãs emergiu do lago com uma coroa na cabeça e foi nomeada rainha. De imediato, houve quem soubesse os direitos e deveres de uma rainha, estes foram decididos por decreto, e a vida tranquila do lago mudou. Todas as rãs, exceto a rainha e as suas conselheiras, se afadigavam para que nada faltasse à monarca e às suas cortesãs: moscas bem gordas, descanso, divertimento. Foi precisamente num desses momentos diversão – um concurso de mergulhos – que a rainha das rãs, para mostrar que era melhor do que as outras, volta a mergulhar no lago. Mas, desta vez emerge sem coroa, melhor dizendo, sem o anel que dois namorados tinham perdido quando namoravam. Sem o adorno, a rainha deixou de ser rainha, por decisão de todas as rãs que há muito tinham deixado de achar graça ao facto de terem de obedecer a uma vulgar rã, só pela razão de esta ter uma coroa. Voltou então a haver tempo para cantorias, grandes sestras e brincadeiras com as libélulas. Os namorados voltaram ao lago e recuperaram o seu anel. Seguindo os moldes da narrativa clássica – situação inicial, perturbação da ordem das coisas, resolução do problema e situação final –, Davide Cale descreve, sob a forma de fábula, as sinuosidades e consequências do poder absoluto: a sua aleatoriedade, legitimação, corrupção, as injustiças sociais, a revolta. As belíssimas ilustrações de Marco Somà descrevem um lago arte nova, com os seus habitantes a condizer com o cenário, que, ao ilustrar a vida do princípio do século XX, retrata também a alegria de viver, a chave para viver em paz e harmonia. Um livro para crianças, ou seja, para todas as idades.

Helena Barroso

Há mais vida para além da ESE

Entrevista a Mário Palma, aluno de 3.º ano da licenciatura em Animação Sociocultural

DEPOIS DA DANÇA, A ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL. COMO E POR QUE SE DEU ESTA PASSAGEM NO SEU PERCURSO ACADÉMICO, MÁRIO?

A explicação vem de há muitos anos, quando era muito jovem e estava no início de carreira como bailarino. Nos anos 80, houve a “febre” da dança jazz e fui convidado para dar aulas de dança como atividade extracurricular numa escola secundária de um bairro onde havia uma grande diversidade cultural. Toda a minha carreira como bailarino foi feita em paralelo com as aulas de dança que dava como freelancer, que sempre aconteceram em contextos mais desfavorecidos e culturalmente diversificados. Cheguei até a formar uma escola de dança na Damaia, onde estive durante cerca de 18 anos. Depois, aos 40 anos, deixei de dançar, porque a carreira de bailarino é curta, e quis dedicar-me ao ensino.

Como já estava a dar aulas há mais de 20 anos, comecei a sentir necessidade de fazer algo diferente e comecei a trabalhar na área social. Fui convidado pela Câmara Municipal de Cascais para trabalhar em vários projetos sociais, graças aos quais tive oportunidade de entrar nas comunidades, falar com as pessoas, ganhar a sua confiança, e foi aí que aprendi muito sobre as relações humanas... E, em 2007, comecei a trabalhar num projeto da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, o programa Capacidade, um programa de desenvolvimento

comunitário urbano. Neste percurso pelos projetos sociais, tentei sempre implementar a dança e a arte nestes meios, e foi por isso que surgiu a ideia de iniciar, em 2013, o curso de Animação Sociocultural. Tinha que ver com todo o meu percurso e queria descobrir novas coisas.

E A DANÇA, COMO SURTIU NA SUA VIDA? ERA UMA PAIXÃO DE INFÂNCIA?

Eu sempre quis ter um percurso ligado às artes, ao teatro, à dança, à música. Mas, como tinha uma família muito conservadora, frequentei o liceu até aos 16 anos. Só depois, quando comecei a trabalhar durante o dia e a estudar à noite, comecei a fazer as coisas que queria, que me fascinavam, como o teatro e a dança. Fiz todo o meu percurso em escolas privadas. Fiz, inclusivamente, uma audição na Gulbenkian e fiquei lá um ano na escola. Entretanto, houve uma fase em que me desapaixonei pela dança, devido à grande exigência dos professores... Esta fase coincidiu quase com a minha ida para a tropa e, quando saí, enveredei pelo teatro, tendo feito o curso de teatro da Comuna. Aí, tive uma professora, que dava aulas de movimento, que me incentivou a voltar à dança, o que acabou por acontecer.

ATUALMENTE, QUE LUGAR OCUPA A DANÇA NA SUA VIDA?

A dança nunca morrerá em mim, é impossível... é como uma dependência. Mas, neste momento, só danço de vez em quando.

E QUAL O BALANÇO QUE FAZ DA LICENCIATURA QUE AGORA ESTÁ A TERMINAR?

É muito bom. O curso tem unidades curriculares (UC) teóricas muito boas e há muita diversidade nos conteúdos abordados, desde a cultura, o desporto, a área social e as ciências sociais... Nas UC s ligadas às expressões artísticas, tenho pena que estas não sejam mais aprofundadas, mas também percebo que, vindo eu destas áreas, me pareçam menos exploradas. Quem assiste a aulas desta natureza pela primeira vez, aprende muito mais. Mas algumas UC s foram uma descoberta incrível, espetaculares, com professores muito bons. Algumas até gostava de repetir.

QUANTO À ATIVIDADE PROFISSIONAL QUE DESENVOLVE NA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA, ESTA ESTÁ LIGADA À ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL?

Sim, estou na equipa de desenvolvimento comunitário, a tempo inteiro. Estou muito ligado às parcerias com os agrupamentos de escola e com outras instituições. Já trabalhei com a comunidade cigana, no sentido de levar as crianças e jovens a frequentar a escola, e também com as famílias destas crianças em projetos de alfabetização de adultos. Atualmente, continuo a trabalhar no Bairro da Ameixoeira com a comunidade cigana e participo ainda num projeto com um grupo de idosos que não queria ir para Centros de Dia, mas que queria ter algo que o ocupasse. Então, formou-se um grupo de interesse em que eles organizam atividades e gerem formas de as sustentar.

E É FÁCIL CONCILIAR ESSA ATIVIDADE PROFISSIONAL COM O ESTÁGIO QUE AGORA ESTÁ A REALIZAR?

Com muita “ginástica”, vou conseguindo. A equipa onde trabalho tem facilitado muito. Estou a fazer o estágio em regime pós-laboral, numa instituição que também pertence à Santa Casa da Misericórdia e que desenvolve trabalho ao nível comunitário e que está aberta até às 20h. Para conseguir cumprir as 300 horas de estágio, estou a compensar aos fins-de-semana, com “trabalho de rua”, organizando eventos ligados ao desporto e à multiculturalidade, sempre em conjunto com a comunidade.

COMO É UM DIA TÍPICO DA SUA VIDA?

Trabalho das nove até às cinco da tarde. Durante estes últimos três anos [de frequência da licenciatura em Animação Sociocultural], tive sempre este horário para poder frequentar o curso em regime pós-laboral na ES-

ELx. Atualmente, assim que saio do trabalho, vou para o local de estágio, onde fico até às 20h.

SENTE QUE AS VÁRIAS ATIVIDADES QUE DESENVOLVE (E JÁ DESENVOLVEU) FORA DA ESE CONSTITUEM UMA AJUDA PARA A SUA FORMAÇÃO ATUAL?

Sem dúvida que sim.

EM QUE MEDIDA?

Todo o meu percurso profissional, aliás, toda a minha vida, as experiências de vida e a minha maturidade, me fazem entender os conteúdos de uma forma diferente. Mas, principalmente, gostei muito das UC s mais teóricas porque vieram consolidar tudo o que fiz durante estes 16 anos de trabalho na área social.

E O QUE GOSTARIA DE FAZER NO FUTURO?

Quero acabar o curso para me dedicar novamente à dança e fazer um mestrado em Arte na Comunidade. Portanto, algo que esteja relacionado com o meu percurso artístico e o trabalho na comunidade. Quero utilizar a arte na intervenção social e ajudar as pessoas a descobrir as suas potencialidades artísticas.

Entrevista conduzida por Ana Isabel Silva e Marta Abreu Silva.